

EA comunidade científica internacional reconhece a gravidade da situação socioambiental na qual a sociedade humana está imersa. Precisa-se mais do que gestão ambiental e tecnologia para reverter o processo de destruição em curso, resultado de percepções errôneas das inter-relações ser humano-ambiente. As 10 mil religiões do mundo são conclamadas à ação efetiva como aliadas poderosas na promoção da sustentabilidade humana.

doenças e outros elementos do caos socioambiental – já são conhecidas dos grandes públicos pela ótica de Hollywood.

Todas as tentativas foram feitas: encontros internacionais sucessivos, desenvolvimento de legislações rigorosas, avanços tecnológicos em gestão ambiental e uma crescente mobilização internacional. Entretanto, a despeito de inegáveis avanços em prol da preservação e conservação do ambiente, nada disso está conseguindo deter a destruição generalizada dos sistemas que asseguram a vida na Terra.

Ocorre que houve pouco progresso no melhoramento do gerador dos problemas: as pessoas. Na fase atual, precisamos muito mais do que simplesmente gestão ambiental. Precisam-se de instrumentos que possam operar mais profundamente no coração das pessoas, tocar suas emoções e tornar factível as transformações que a sustentabilidade exige. Necessita-se de um choque de reespiritualização da humanidade.

Estamos como estamos porque somos como somos? Em 1973, Gurdjieff deixou esse repto. Onde erramos?

Nas últimas três décadas, a maior parte da sociedade humana foi programada por um sistema educacional voltado para o consumismo e o individualismo. Foi preparada para ignorar as conseqüências socioambientais dos seus atos. Substituiu a cooperação pela competição e enveredou por um caminho que a levou a um grau de desconexão com a vida, ao ponto de torná-la ignorante da sua condição natural, alienada do seu próprio lar.

A Educação falhou, as Religiões também - aqui, a Religião entendida como uma orientação ao cosmo e ao nosso papel nele (TUCKER e GRIM, 2001) ¹.

Perdido em sua falta de totalidade, o ser humano não está carente de religiões, mas de espiritualidade (LAMA, 2000). O conhecimento acadêmico e as dez mil religiões existentes no mundo não foram capazes de evitar a insustentabilidade humana atual, já traduzida por profundos desequilíbrios políticos, econômicos, sociais, ecológicos e éticos.

A responsabilidade socioambiental das religiões

*Genebaldo Freire Dias**

"O mundo não vai superar a sua crise atual, usando o mesmo modelo que a criou".

(Einstein)

Há uma aceitação tácita entre ambientalistas de países mais industrializados que em menos de cinco anos viveremos um "11 de setembro socioambiental", visão não compartilhada por gestores de países em desenvolvimento. Na percepção daqueles grupos, a insustentabilidade vigente será ampliada e realmente testemunharemos a fúria de ecossistemas maltratados e desregulados. As desgraças previstas – clima errático, safras perdidas, falta de água,

* Professor (PhD) e Coordenador do Projeto de Educação Ambiental da UCB (Diretoria de Programas Comunitários, Pró-Reitoria de Extensão)

¹ Artigos da edição especial Daedalus sobre religião e meio ambiente estão disponíveis em <environment.Harvard.Edu/religion/publications/journals/index.html>.

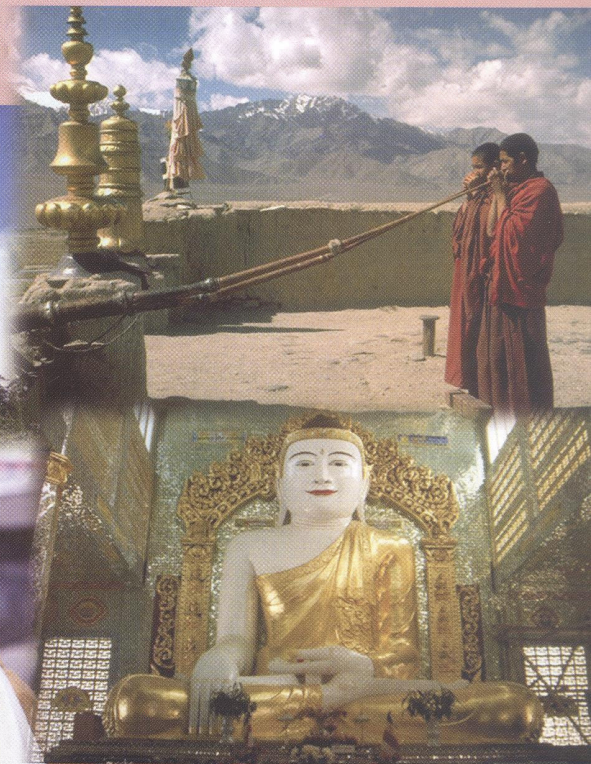
No século XX, as sociedades, particularmente as industrializadas, foram fortemente orientadas para o cognitivo, o racional e o lógico, com conseqüências devastadoras: a ciência, sem compromisso com a ética, contribuiu para o século mais violento e mais ambientalmente danoso da história da humanidade. (NORGAARD, 2002).

Segundo White (1996), o mandato judeu-cristão para subjugar a Terra, crescer e multiplicar, determinou o fundamento filosófico para o desenvolvimento industrial, ambientalmente destrutivo no ocidente cristão.

O que fazer agora? Gardner (2003) assegura que já é hora de se estabelecer uma reconciliação histórica e gerar a energia social necessária para sustentar o planeta e a sua população ². A Religião tem de ser parte da solução para a crescente crise ambiental (o ensaio: São Francisco de Assis, padroeiro dos ecólogos).

Tal assertiva configura o desafio da nossa época: construir uma sociedade justa e ambientalmente saudável. Reintegrar nossos corações e mentes sociais, restabelecendo a espiritualidade como parceira em um diálogo com a ciência.

No momento crucial/evolucionário que se vive, a comunidade religiosa pode, e deve, afirmar sua enorme capacidade para auto-aprimoramento. O poder potencial da religião engajada é traduzido: (a) pela sua capacidade de formar cosmologia (visão mundo); (b) a autoridade moral; (c) uma base ampla de seguidores; (d) recursos materiais significativos e (e) capacidade de desenvolvimento comunitário.



As religiões têm experiência em embasar nova visão das questões de importância absoluta. Sabem como engajar as pessoas em níveis profundos e afetivos, inspirar pessoas e exercer autoridade moral e força política. Possuem a capacidade de dar significado à vida individual (Quem sou eu? Por que estou aqui? Quais são as minhas obrigações perante o mundo?). São uma fonte importante de mudanças internas das pessoas e das sociedades. Estão presentes na maioria das sociedades, inclusive nas áreas rurais. Tendem a aproximar as pessoas e encorajar seus membros a se ajudarem mutuamente (a fé compartilhada entre os membros proporciona uma força unificadora forte). A religião tem uma capacidade especial de gerar capital social, estabelece laços de confiança, comunicação, cooperação e disseminação de informação que criam comunidades fortes. Representam uma das principais forças sociais de mudança

² Ver também Mathieu Deflam, "Ritual, Anti-Structure, and Religion: A Discussion of Victor Turner's Processual Symbolic Analysis", *Journal for the Scientific Study of Religion*, vol. 30 n° 1 (1991), págs. 1-21; Robert Bellah, "Civil Religion in América," em William G. McLoughlin e Robert N. Bellah, eds., *Religion in America* (Boston: Houghton Mifflin, 1968); Religião como foco da cultura, de Clifford Geertz, "Religion as a Cultural System," in Clifford Geertz, *Interpretation of Cultures* (Nova York: Basic Books, 1973), págs. 87-125.

no mundo, juntamente com a educação, o comércio e o governo. Entretanto, com tanto poder e recursos, ainda exibem uma incompreensível demora em envolver-se, de forma efetiva, nas questões ambientais, em engajar-se na promoção de um mundo sustentável.

Nas três tradições monoteístas ocidentais – judaísmo, cristianismo e islamismo (2/3 da população mundial) – o mundo natural é considerado um conjunto de recursos para uso humano, uma visão que alguns observadores culpam pelo desenvolvimento pródigo e destrutivo dos últimos dois séculos (TUCKER e GRIM, op.cit.). O ser humano deve dominar a natureza, explorá-la, subjugar-la. Aqui, a maior parte das sociedades humanas busca o caminho contrário da sustentabilidade. (É conhecido que os rituais de alguns povos tribais ajudam as pessoas a se comunicar emocionalmente com o mundo natural, comunicação que as sociedades industrializadas têm dificuldade de realizar).³

A mudança dessa visão é fundamental para a colaboração entre grupos religiosos e ambientalistas. Ambos buscam a promoção do fascínio de viver em harmonia.

De alguma forma, essas mudanças parecem ter se iniciado. A partir de 1986, cresceu significativamente o ritmo de reuniões, iniciativas e parcerias religiosas sobre o meio ambiente. Naquele ano, a WWF (World Wildlife Fundation), conceituada ONG ambientalista internacional, promoveu um encontro ecumênico em Assis, na Itália, reunindo representantes das cinco maiores religiões mundiais.

Em 1996 e 1998, o Centro de Estudos de Religiões Mundiais da Universidade de Harvard, reuniu 800 acadêmicos de seis continentes e gerou nove volumes sobre ambientalismo visto sob a perspectiva das principais tradições religiosas. Seguiram-se os seguintes encontros:

- Conselho Mundial de Igrejas (WCC), Programa de Mudanças Climáticas, 1988;

- Fórum Global dos Líderes Espirituais e Parlamentares, 1988, 1990, 1992 e 1993;
- Parlamento das Religiões Mundiais, 1993 e 1999;
- Cúpula de Religiões e Meio Ambiente, Windsor, Inglaterra, 1995;
- Conferência em Harvard, Religiões do Mundo e Ecologia, 1996, 1998;
- Simpósio sobre Religião, Ciência e Meio Ambiente, 1994, 1997, 1999 e 2002;
- Cúpula do Milênio para a Paz Mundial entre Religiosos e Líderes Espirituais, agosto, 2000;
- Presentes Sagrados para um Planeta Vivo, Conferência, Nepal, 2000;
- Seminário Internacional sobre Religião, Cultura e Meio Ambiente, Teerã, Irã, junho, 2001.

A despeito de tais iniciativas, as ações decorrentes delas ainda são tímidas. As religiões ainda despendem poucos esforços na área socioambiental. A mobilização, mesmo de uma fração dos 4 bilhões de fiéis das três principais religiões (Tab. 1), à causa da criação de uma sociedade justa e ambientalmente sadia, poderá avançar, de forma dramática a agenda da sustentabilidade. A tendência é promissora e poderá representar uma poderosa aliança.

Tabela 1 - fiéis, religiões e participação proporcional da população mundial ⁴

Religião	Fiéis (bilhões)	Participação na Pop. Mundial (%)
Cristianismo	2,00	33,0
Islamismo	1,18	19,6
Hinduísmo	0,75	12,4
		65,0

Fonte: Gardner, 2003

³ Incluir: Stalin citado em Wisnton Churchill, **The Second World War: The Gathering Storm** (Boston: Houghton Mifflin, 1948), pág. 601; O papa e a Polônia, de Carl Bernstein e Marco Politi, **His Holiness: John Paul II and the History of Our Time** (Nova York: Penguin Books, 1996), págs. 11-12; Tibet, de "UN Rigths Chief Pressures China on Detained Boy Panchen Lama," Agence France Presse, divulgado no website de do Governo em Exílio do Tibet, em www.tibet.com/newsroom/panchen1.htm, visitado em 24/10/2002.

⁴ Estatísticas de fiéis, de www.adherents.com, visitado em 24/08/2003; Paquistão, de IUCN-The World Conservation Union, **The Pakistan National Conservation Strategy** (Karachi, Pakistan: 1991), e de IUCN, **Final Report, Mid-Term Review of National Conservation Strategy: Mass Awareness Initiatives** (Islamabad, Paquistão: 2000).

Tais alianças serão incrementadas, à medida que alguns obstáculos sejam removidos. Conceitos errôneos mútuos e diferentes visões de mundo geram posicionamentos opostos em questões sensíveis, porém, compartilham quase sempre os mesmos valores quando se trata de sustentabilidade socioambiental. Algumas questões, porém, compõem separações abissais. É o caso das questões de gênero. Muitas religiões consideram a igualdade de gênero uma questão inexistente. Devido ao papel central das mulheres no combate à má nutrição, redução de doenças infecciosas, controle do consumo, promoção da educação e estabilização das populações, os ambientalistas conferem ao gênero um peso estratégico para a sustentabilidade.

Um outro obstáculo é que a maior parte das religiões age como uma força social conservadora (não são críticos da ordem estabelecida), podendo ser percebida como um impedimento à sustentabilidade, uma vez que o mundo sustentável não será construído sem grandes mudanças nas economias globais atuais. Sabe-se que o anunciado “desenvolvimento sustentável”, mantendo-se os atuais padrões de consumo e as projeções de produção e crescimento populacional, não é concebível nem teoricamente.

O poder da religião de moldar nossa visão da natureza, os ensinamentos e práticas religiosas sobre o mundo, devem convergir para influenciar a forma mais rápida ou mais fácil de o mundo fazer a transição para economias sustentáveis.

Algumas iniciativas pioneiras, levadas a cabo por algumas lideranças religiosas são sintomáticas: cristãos evangélicos nos EUA formaram uma rede ambiental evangélica para promover a conservação e a gestão ambiental (porque o mundo natural é criação de Deus devendo, portanto, ser protegido); Dalai Lama fez da proteção ambiental tema de várias declarações importantes, a partir dos anos de 1980, culminando com a sua histórica participação na Conferência da ONU para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Rio 92) e as suas recentes obras em que a dimensão socioambiental está sempre presente; o patriarca ecumênico Bartolomeu I,

líder simbólico dos 250 milhões de fiéis da igreja ortodoxa, tem se destacado em reunir líderes e cientistas para o estudo de questões ambientais relacionadas à água; o Papa João Paulo II fez importantes pronunciamentos ambientais em 1990 e 2001 e uma declaração conjunta com o patriarca Bartolomeu I em junho de 2002; adicionem-se a esses líderes, iniciativas de organismos internacionais importantes, como o Banco Mundial, que vem realizando grandes reuniões ecumênicas das quais surgiu o Diálogo das Religiões Mundiais sobre Desenvolvimento (TUCKER e GRIM, op.cit.).

A comunidade científica reconhece que um dos impedimentos ao Desenvolvimento Sustentável é o atual padrão de consumo, que de forma fractal disseminou-se do ocidente para a maior parte do mundo, impondo pressões e passivos ambientais crescentes. As religiões há muito demonstram um forte interesse em restringir o consumo, embora por razões diferentes das preocupações dos ambientalistas. O efeito corrosivo do consumo excessivo atua não apenas sobre o meio ambiente, mas também sobre o desenvolvimento do caráter, tanto dos indivíduos quanto das sociedades (a vida simples libera recursos para os mais carentes e libera o espírito humano para cultivar relações com o próximo, com o mundo natural e com o mundo dos espíritos).

O arcebispo de Canterbury, chefe da igreja anglicana, Rowan Williams, declarou que a contenção da cultura do consumo será um dos principais focos do seu ministério. João Paulo II estabeleceu como objetivo estratégico do seu pontificado, a moderação da influência do consumismo nas culturas industrializadas.⁵

Levando-se em conta uma pequena parcela daqueles 4 bilhões de habitantes que freqüentam os templos das três grandes religiões, pode-se ter uma idéia do poder de influência e multiplicação dos ideais do Desenvolvimento de Sociedades Sustentáveis, guardado pelas religiões.

As religiões não devem apenas difundir, entre fiéis, a dimensão ambiental. Devem também conceber a sua Política Socioambiental, algo como a sua Missão e seus Valores. Essa política deve orientar suas atividades para

⁵ Sarvodaya, de www.sarvodaya.org, visitado em 28/08/2003; Christophfer Candland, “Faith as Social Capital: Religion and Community Development in Southern Asia,” *Policy Sciences*, vol.33 (2000), págs.355-74.

o uso responsável dos recursos naturais, incorporando a dimensão ambiental no metabolismo energético e material dos seus templos, paróquias e propriedades, estimulando a realização de auditorias ambientais em suas dependências, buscando a eficiência energética (Conservação de Energia e uso de Energia de Fontes Renováveis), a racionalização do uso da água (inclusive com reaproveitamento da água da chuva), a redução do consumo de combustíveis fósseis, a redução de emissões de qualquer natureza (inclusive sonora), a compostagem, a reciclagem e a preciclagem, dentre outros elementos do processo de gestão ambiental.

Tais elementos além de promover a responsabilidade socioambiental, catalisa ações de inclusão social, como é o caso das parcerias estabelecidas com Cooperativas de Reciclagem formadas por comunidades carentes (os resíduos sólidos da UCB, por exemplo, são recolhidos, selecionados e vendidos por uma cooperativa comunitária. As vendas desses recicláveis sustentam cerca de 80 famílias, além de propiciar oportunidades de formação profissional).

As religiões devem também incluir a dimensão ambiental na sua formação profissional, trazendo para a sua vida acadêmica, os temas centrais das questões ambientais, conhecendo os seus desafios e alternativas de soluções, os mecanismos legais de participação comunitária (leis ambientais, mídia, organizações não-governamentais e redes de informações, pesquisas e militância), os processos ecológicos de sustentação da vida e os elementos de gestão para a sustentabilidade (Educação Ambiental, Sistema de Unidades de Conservação, Legislação Ambiental, Zoneamento e Licenciamento Ambiental e outros). Devem apreender que a questão ambiental não é uma questão apenas de fauna e flora, de poluição e mico-leão-dourado, mas, composta, por dimensões políticas, econômicas, sociais, culturais, éticas e ecológicas.

Uma análise meramente quantitativa, expressa a premência de mudanças de atitudes das religiões diante dos desafios socioambientais que a humanidade experimenta: reunindo todas as cidades do mundo elas ocupam 2% da superfície da Terra. As religiões são donas de 7% das áreas habitáveis do Planeta!

As religiões do mundo precisam reconhecer a sua força, assumir o seu lugar e exercer as suas funções evolucionárias.

Referências Bibliográficas

GARDNER, G. O engajamento da religião em busca de um mundo sustentável. In: **O Estado do Mundo 2003**. Worldwatch Institute, UMA, Salvador, BA, 174-200 p. 2003.

GURDJIEFF, G.I. **Views from the real world**. New York, Dutton. 1973.

LAMA, D. **Uma ética para o novo milênio**. Sextante, 2. ed. Rio de Janeiro. 255 p. 2000.

NORGAARD, R. Can Science and Religion Better Save Nature Together? **BioScience**, setembro p. 842. 2002.

TUCKER, M.E. e GRIM, J. **Introduction**: the emerging alliance of world religions and ecology. Daedalus, outono, p.14. 2001.

WHITE, L. The historical roots of our ecological crisis, em Gottlieb, R.S. **This sacred earth**: religion, nature, environment. Nova York: Routledge, 184-93 p. 1996.

Visitas recomendadas

Conferências sobre Religiões e Meio Ambiente, www.hds.haverd.edu/eswr/ecology; Fórum sobre Religião e Ecologia, environment.Harvard.edu/religion

Dalai Lama, "Five Point Peace Plan for Tibet," em www.tibet.net/eng/diir/enviro/hhdl/fivepoint/index.html
Papa João Paulo II, "The Ecological Crisis: A Common Responsibility," Mensagem para o Dia Mundial da Paz, em www.ewtn.com/library/PAPALDOC/JP900101.HTM; "Common Declaration by Pope John Paul II and Ecumenical Patriarch Bartholomew I," em www.rsesymposia.org/symposium_iv/Common%20Declaration.pdf

Área de Alliance of Religions and Conservation (ARC),
em www.religionssandconservation.org,

Parceria Ecumênica para o Meio Ambiente e UNEP,
"Earth and Faith: A Book of Reflection for Action"
(Nova York):UNEP,2001); Diálogo das Religiões
Mundiais, de "Second Summit BetweenWorld Bank
and World Religions Focuses on Projects," One Coun-
try: The Online Newsletter of the International Bahá'í
Community, em www.onecountry.org/e113/e11310as.htm;
Conselho Mundial das Igrejas, "Ecumencial Earth," em
www.wcc-coe.org/wcc/what/jpc/ecology.html.

com um ponto de partida... ... você chega ao lugar certo

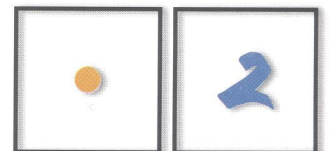
O escritório de criação Ponto Dois Design Gráfico desenvolve e executa projetos gráficos desde 1996. Com uma equipe de profissionais formados em design gráfico, que trabalha para que o produto tenha qualidade visual, que seja diferente e se destaque no mercado cada vez mais diversificado e competitivo.

O sucesso de um projeto gráfico é resultado de ousadia, profissionalismo e de muita criatividade.

Visite nosso site:

www.pontodois.com.br

ponto dois



design gráfico

cln 405 bloco b loja 44 galeria
fone: (61) 273 4067
fax: (61) 347 9448
www.pontodois.com.br
email@pontodois.com.br